

DIDÁTICAS DA LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES LEITORES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIFESSPA

READING DIDACTICS: AN EXPERIENCE IN THE FORMATION OF TEACHERS READERS IN THE UNIFESSPA PEDAGOGY CURSE

Tiese Rodrigues Teixeira Júnior¹

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA

RESUMO

Este relato de experiência é resultado das oficinas didáticas da leitura realizadas no âmbito do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, (Unifesspa). As oficinas ocorreram nos anos de 2022 e 2023, no total foram sete edições. O objetivo geral é refletir sobre a natureza e o desenvolvimento pedagógico das oficinas. A rede analítica dialoga com Orlandi (2012, 2020); Martins (2009) e Daltro e Farias (2019). As oficinas se mostraram ações importantes na formação de professores leitores no curso de Pedagogia, considerando a importância do desenvolvimento da leitura, oralidade, escrita e interpretação na educação básica, na qual os pedagogos irão atuar.

Palavras-chave: Formação Docente; Leitura; Oficina; Pedagogia.

ABSTRACT

This report of experience is the result of the didactic workshops of reading conducted within the framework of the course of Pedagogy of the Federal University of the South and Southeast of Pará, (Unifesspa). The workshops took place in the years 2022 and 2023, in total there were seven editions. The overall objective is to reflect on the nature and pedagogical development of the workshops. The analytical network dialogue with Orlandi (2012, 2020); Martins (2009) and Daltro e Farias (2019). The workshops show themselves important actions in the training of teachers readers in the course of Pedagogy, considering the importance of the development of reading, orality, writing and interpretation in basic education, in which the teachers will act.

Key words: Teacher Training; Reading; Workshop; Pedagogy.

RESUME

Este informe de experiencia es el resultado de los talleres didácticos de lectura llevados a cabo en el marco del curso de Pedagogía de la Universidad Federal del Sur y Sudeste de Pará, (Unifesspa). Los talleres tuvieron lugar en los años 2022 y 2023, en total hubo siete ediciones. El objetivo general es reflexionar sobre la naturaleza y el desarrollo pedagógico de los talleres. El diálogo de red analítica con Orlandi (2012, 2020); Martins (2009) y Daltro y Farias (2019). Los talleres se muestran acciones importantes en la capacitación de lectores de maestros en el curso de la Pedagogía, considerando la importancia del desarrollo de la lectura, la oralidad, la escritura e interpretación en la educación básica, en la que actuarán los maestros.

Palabras clave: Formación de Maestros; Lectura; Taller Pedagogía.

¹ Doutor em Ciência do Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor Adjunto na Faculdade de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0121-8928>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0300911597496565>. E-mail: tiese@unifesspa.edu.br.

INTRODUÇÃO

Os sentidos das práticas de leitura na escola básica da Amazônia do sudeste do Pará, ainda estão vinculados às aulas de Língua Portuguesa e aos docentes desta área do saber, (TEIXEIRA JÚNIOR, 2020). O lugar pedagógico da leitura na Educação Básica precisa ser problematizado em diferentes dimensões, por exemplo, no currículo, na formação docente, no discurso governamental, discurso pedagógico, produção de sentido, teorias da leitura e formação de professores leitores. Este trabalho trata deste último aspecto.

Na região de Marabá, Pa, os professores que trabalham com a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental são pedagogos. Neste universo, o trabalho com a linguagem é fundamental. O desenvolvimento da oralidade, da escrita, da interpretação e da leitura compõe o cotidiano escolar. É válido, portanto, refletir sobre a formação docente neste campo. Os profissionais destas etapas de ensino, para trabalharem leitura em sala de aula precisam de conhecimentos de linguagem e pedagógicos. Neste sentido, conhecer teorias da leitura, títulos de livros, nomes de autores, e principalmente, realizar a leitura de diferentes obras são ações formativas necessárias e urgentes.

No curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, os estudantes têm apenas duas disciplinas que tratam da linguagem propriamente: Conteúdo e Ensino de Língua Portuguesa e Fundamentos do Letramento e da Alfabetização, ambas com carga horária de 75h/a. Em uma realidade que se cobra que pedagogos alfabetizem e letem crianças e adultos, entendemos que esta carga horária não contempla as demandas educativas da nossa realidade. Neste relato de experiência, registramos ações de oficinas de leitura que tentam ajudar no processo formativo de professores leitores, por entendermos que a prática docente do pedagogo na escola básica necessita destes fundamentos.

A oficina didática da leitura é realizada no curso de Pedagogia da Unifesspa, desde maio de 2022. Foram realizadas sete edições, nos anos de 2022 e 2023, em cinco turmas. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a natureza e o desenvolvimento pedagógico dessas oficinas. O trabalho dialoga com a noção de leitura discursiva em Orlandi (2012, 2020) e fronteira em Martins (2009). A metodologia é o relato de experiência, na perspectiva de Daltro e Faria (2019). O trabalho está dividido em introdução, referencial teórico e metodológico, análises e resultados, e considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

A leitura enquanto um acontecimento linguístico tem história. Assumimos aqui, com Orlandi (2012), que a leitura deve ser interpretada pela perspectiva da análise do discurso, em que

as dimensões linguística, pedagógica e sociológica atuam conjuntamente. Neste sentido, compreender as determinações históricas que atravessam os diferentes processos linguísticos é fundamental. Sobre a leitura e as condições de produção de sentido diz Orlandi (2012, p. 112).

Essas condições abrangem o contexto histórico-social, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto de discurso, de tal forma que aquilo se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação aos outros discursos.

Dessa afirmação emergem duas reflexões sobre a construção dos sentidos na prática da leitura. A primeira, ligada a exterioridade do discurso e ao contexto histórico-social, sendo, portanto, composta por sentidos múltiplos, com variações, traduzida, pela autora, no conceito de leitura polissêmica; a segunda está ligada a sedimentação histórica e cultural dos sentidos construídos, sua legitimação em termos institucionais e usos regulados, expressa na noção de leitura parafrástica, única. (ORLANDI, 2012, p. 113).

Assim,

Do reconhecimento dessa duplicidade da linguagem decorre a polarização constante entre o processo polissêmico e parafrástico. A tensão entre esses processos manifesta-se de várias maneiras: na existência da regra e da exceção, do previsível e do imprevisível, do legítimo e daquilo que tem de se legitimar, do que já é e do que pode ser.

As oficinas didáticas da leitura, enquanto um acontecimento pedagógico, linguístico e histórico dialoga com esta afirmação teórica da autora, uma vez que as tensões, os imprevistos, os legítimos, os não legítimos etc. fazem parte da natureza da ação. Para começar, a oficina trata da prática e da teoria da leitura a partir de um curso de pedagogia. Isso é visto com estranhamento, pois, a ciência ainda afirma que esse tema é da área da Língua Portuguesa, ou das Letras. (TEIXEIRA JÚNIOR, 2020).

A escola tem o papel de legitimar determinadas leituras distribuídas nas mais diversas áreas do conhecimento, neste cenário, o papel do professor é fundamental, pois ele pode ser a pessoa que indica o livro e suas formas de fazer leitura. Sendo assim, muitas histórias de leituras são determinadas dentro da escola e com as condições que esta apresenta, sejam livros, e modos de realizar leituras e construções de sentido.

A pluralidade de leituras e de construções de sentidos depende dos livros, das formas de fazer leitura e do lugar que esta ocupa no projeto de educação de uma determinada escola. Sobre leitura e trabalho pedagógico Orlandi (2012, p.57) nos diz,

Atualmente, a leitura ideal do professor está amarrada àquilo que é fornecido pelo livro didático. Ou seja, o professor orienta-se por aquilo que é fornecido, pronto-a-mão no

livro de respostas do livro didático. A autoridade imediata, nesse caso, é o autor do livro didático adotado.

Esta afirmação de Orlandi é provocadora para pensarmos as práticas de leituras na Educação Básica e as condições para se fazer isso. Para começar, grande parte dos professores só dispõe do livro didático para realizar ações de leitura, os livros trazem apenas fragmentos de obras, o que no final, gera um conhecimento parcial da leitura e interpretações cortadas. Nestas condições, é preciso que alunos e professores recorram ao livro didático para poder realizar as atividades de leitura e de interpretação solicitadas pelo currículo escolar.

Neste sentido, é preciso pontuar que a leitura faz parte do processo de produção da escrita. Existem modelos sociais do que é boa escrita e boa leitura. Essa referência é uma construção histórica e fornece os chamados modelos ideais, ou supostamente ideais.

Dito de outra forma,

Aqueles que são considerados os leitores competentes, e em toda a sociedade, há mecanismos para instituí-los, têm uma função determinante para o processo de cristalização de sentidos, homogeneização de usos. Esses sentidos sedimentados são a matéria-prima de leituras posteriores. (ORLANDI, p.119, 2012).

Ao tratar dos modelos de leitura e de escrita, a autora aponta que a escola básica precisa estar atenta, por exemplo, às escritas, posto que, há situações em que os modelos são desejados e aceitáveis, em outros casos, não. Resumos, resenhas, cartas, dissertações são diferentes de escritas estéticas e inventivas. Isso tem a ver com responsabilidades pedagógicas. Ela então pergunta: “Qual a relação da escola com os modelos de escrita? O que são leitores competentes?” Orlandi (2012, p. 114). Isso está relacionado com as funções da leitura e da escrita dentro e fora da escola, considerando que são funções distintas.

Refletir sobre as oficinas Didáticas da Leitura, é refletir sobre possibilidades de Leitura, de construção de sentidos e de escritas diversas. Compreendendo as dimensões históricas do livro, do leitor e do autor. (CHARTIER, 1997).

Temos assumido em outros debates a categoria fronteira na perspectiva de Martins (2009), como uma noção importante para pensar a leitura e sua prática na escola. A fronteira é cultural. É o espaço do múltiplo e ainda é pouco utilizada no debate pedagógico amazônico para pensar práticas de leitura. Os elementos históricos, sociológicos e antropológicos presentes nesta noção interpretativa possuem um valor pedagógico singular e precisa ser considerado.

Aqui, fronteira tem a ver com visões de mundo, encontros, desencontros, historicidades. Na fronteira são vivenciadas as dificuldades para a realização das ações e os conflitos humanos da condição humana. Assim, defendemos a prática da leitura na escola como lugar de fronteira.

Como já foi mencionado acima, a leitura pelo viés do discurso tem história e historicidade, assim, a perspectiva discursiva e a fronteira se complementam teoricamente no sentido de ler o objeto em tela, as oficinas didáticas da leitura.

As oficinas promovem o encontro ou o desencontro, entre leitores e livros; os livros são portadores de histórias, culturas, autorias, linguagens diversas. Essas obras e seus conteúdos podem criar e recriar relações humanas interpessoais, individuais e coletivas. Assim como, possibilitar a construção ou reconstrução de sentidos diversos sobre os textos lidos. Esses acontecimentos linguísticos se dão em uma fronteira pedagógica.

Considerar a leitura e a formação de professores leitores na Amazônia, pensando a sala de aula como fronteira pedagógica, como lugar de “disputas e de esperanças”, é alargar as possibilidades de reflexão sobre a leitura que ainda é lido ou interpretado, de forma disciplinar, voltado ao campo das linguagens, pela maioria da produção científica vigente. (TEIXEIRA JÚNIOR, 2020).

Sobre o conceito de fronteira diz Martins,

Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de cultura e de visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E sobretudo fronteira do humano. (MARTINS, p11, 2009).

A escola como fronteira pedagógica é um dos lugares em que outras fronteiras habitam. Estudantes com visões de mundo diversas, oriundos de grupos sociais plurais estabelecem relações humanas com outros e consigo mesmos neste lugar múltiplo. Neste sentido, as oficinas didáticas da leitura se configuram como construtoras de fronteiras nos espaços pedagógicos que cria, para a formação de professores leitores. Fazem parte desse universo, por exemplo, a palavra, os livros, os autores, as ideologias, os estudantes, suas histórias, suas interpretações, os atos de leitura e os sentidos construídos a partir deles. Assim, se na fronteira, “o homem não se encontra, se desencontra” Martins (2009, p. 35). A sala de aula é uma expressão disso; o encontro de um leitor com um livro, também. Portanto, cabe falar em fronteira pedagógica.

ANÁLISES E RESULTADOS

Nesta seção, refletimos sobre as experiências socioeducativas acerca da oficina pedagógica Didáticas da Leitura. A ação faz parte do projeto de extensão didáticas da leitura e da escrita em contexto amazônico desenvolvido no curso de Pedagogia na Faculdade de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Unifesspa, Campus I, Marabá-Pa.

Compreendemos que um relato de experiência configura-se como uma narrativa em que sujeitos, lugares, tempos e aportes teóricos, juntos legitimam fenômenos e ações científicas. (DALTRO E FARIAS, 2019).

A experiência foco deste relato aconteceu nos anos de 2022 e 2023, com estudantes do curso de Pedagogia nas cidades de Marabá e Itupiranga, no sudeste do estado do Pará. As oficinas foram realizadas nas turmas 2019, 2020, 2021 e 2022 em Marabá-Pa, turmas da manhã e da noite; e 2021, em Itupiranga, nos turnos da manhã e da tarde. A quantidade dos participantes variava de 13 a 30 estudantes. A maioria dos estudantes são mulheres, algumas já atuam como professoras na Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental na rede pública e privada desses municípios.

As oficinas Didáticas da Leitura foram criadas para atender à demanda dos estudantes do curso de Pedagogia da Unifesspa que precisam de formação em teorias e práticas de leitura. Os pedagogos e pedagogas são os responsáveis pelo trabalho com linguagem - leitura, escrita, oralidade, interpretação - na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Este campo do conhecimento ainda é visto como sendo das Letras, no entanto, quem assume as salas de aula são pedagogos. Como já foi dito neste trabalho, no curso de pedagogia da Unifesspa, temos apenas duas disciplinas voltadas às linguagens, que são insuficientes para a formação inicial do docente. O tempo das aulas ainda é focado na aquisição de referências teóricas e fica pouco tempo, por exemplo, para a prática da leitura e o conhecimento de obras e autores, elementos importantes na formação de professores leitores. A oficina em tela se apresenta como uma ação pedagógica que busca ajudar a minimizar estas ausências.

As oficinas foram realizadas no âmbito das disciplinas Conteúdo e Ensino de Língua Portuguesa e Fundamentos do letramento e da alfabetização. O tempo estimado das oficinas foi de 10h cada uma. Aconteceram sete edições das oficinas. Neste percurso, elas foram ganhando formas múltiplas. Conteúdos, metodologias, objetivos, tempos, espaços, sentidos, produtos pedagógicos e didáticas foram sendo reconfiguradas. A primeira oficina aconteceu em uma turma da noite, pedagogia 2019, com aproximadamente 30 participantes.

Metodologicamente, foi constituído um acervo, pensado especialmente para o público-alvo. A ação foi dividida em quatro etapas. Todas as etapas aconteceram em sala de aula. Primeiramente, foram realizadas palestras sobre teorias da leitura, por exemplo, sociologia da leitura, leitura pela perspectiva discursiva, leitura pedagógica etc. em seguida, os participantes faziam a escolha e a leitura de um livro, na próxima etapa, a construção de um produto pedagógico ou de um texto acadêmico a partir da obra lida, e, por fim, a socialização na turma.

Entre os trabalhos acadêmicos foram realizados resumos expandidos, resenhas e ensaios que, em alguns casos, se desdobraram em trabalhos de conclusão de curso; entre os produtos pedagógicos destacamos: cartazes, latas da leitura, varais, gibis. Toda a produção pedagógica foi focada na construção de sentidos a partir das obras lidas.

Teoricamente, as oficinas didáticas da leitura se filiam à análise do discurso e às noções trazidas por Orlandi (2012, 2020) sobre os componentes de produção da leitura, do livro e da construção de sentidos pelo indivíduo e seu contexto histórico, social e ideológico.

Já falei em outros trabalhos, sobre alguns componentes das condições de produção da leitura: os sujeitos (autor e leitor), a ideologia, os diferentes tipos de discurso, a distinção entre leitura parafrástica (que procura repetir o que o autor disse) e polissêmica (que atribui múltiplos sentidos ao texto) assim como tematizei a necessidade de se levar em conta as histórias da leitura do texto e as histórias da leitura do leitor. (ORLANDI, p.49, 2012)

O cenário pedagógico de realização das leituras nas oficinas foi diverso. Os livros foram expostos em uma mesa sobre um pano com motivos floridos. Os participantes faziam a escolha do livro que lhes interessasse e poderiam fazer a leitura em sala de aula ou em outra dependência da Universidade. Espaços de convivências coletivos, escadas, embaixo de árvores foram alguns dos espaços utilizados para as práticas de leitura. Foram utilizados lápis, canetas e papel para as anotações.

Figura 1 - Cartaz da Oficina Didáticas da Leitura



Fonte: O autor, 2023.

O acervo dos livros foi sendo construído ao longo das oficinas. A escolha dos títulos e dos temas foi direcionado pela orientação teórica e pelo contexto dos participantes. A perspectiva discursiva da leitura, Orlandi (2012) defende que esta ação dialogue com os contextos sociais e

que a leitura é uma ferramenta de formação crítica e reflexiva. Neste sentido, as obras escolhidas tratavam de temáticas históricas e sociais que consideramos relevantes para os processos educativos, por exemplo, racismo, violência de gênero, proteção ambiental, cosmovisão de povos originários etc. Algumas oficinas foram voltadas para o planejamento de ações com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, outras, para a Educação de Jovens e Adultos, EJA.

Na primeira edição da oficina, havia um livro para cada participante. A opção de escolha existia apenas para os que chegavam primeira à mesa com livros. Na segunda edição, já havia mais obras, na terceira mais ainda. Quanto aos títulos, o acervo está dividido atualmente em quatro grupos temáticos: obras afrocentradas e indígenas; socioambientais, regional /Amazônia e gênero, este último com foco em obras que tratam do universo feminino. Os gêneros textuais utilizados foram poesia e prosa, neste caso, contos. A opção por poesia e contos se justifica por conta do tempo que os participantes tiveram para realizar as leituras. Hoje, dispomos de um acervo com 80 livros, uma pequena parte foi doação de editoras, a maioria foram adquiridos por nós que realizamos as oficinas.

Com relação às obras de temática afrocentrada e indígena destacamos os livros: Olhos d'água, Insubmissas Lágrimas de Mulheres, Poemas da Recordação e Outros Movimentos, de Conceição Evaristo, O Cabelo de Lelé, de Valéria Belém, Contos Negros, de Ruth Guimarães, O Pequeno Príncipe Preto, de Rodrigo França, Ei Você, de Dapo Adeola, Carta a Felicidade, de Joziane Ferreira da Silva, Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro e Curupira, de Marlene Crespo. Entre as obras de temática socioambiental destacamos: A Vida Não é Útil, Futuro Ancestral e Ideias Para Adiar o Fim do Mundo, de Ailton Krenak, O Menino do Dedo Verde, de Maurice Druon, A Árvore Generosa, de Shel Silverstein, Os Defensores dos Rios, de Bruno Fonseca, A Menina que Plantava Corações, de Airton Souza, A História das Crianças que Plantaram um Rio de, Daniel da Rocha Leite e I Antologia Poética do Xingu, de Luciana de Barros Ataíde e Cristiano Bento da Silva.

Entre os livros com temática regional destacam-se: Histórias de Cobra Grande e a Loiro do Banheiro, de Paulo Maués Corrêa, Mairi em a História do Ver-o-Peso, de Joecio Jojoca Lima, A Menina dos Olhos de Arco-Íris, de Telma Cunha, Uma História Engatada, de Rira Melém, e a Porca de Bobes, de Airton Souza. No último grupo, entre outros títulos destacamos: A Menina Árvore, de Daniel da Rocha Leite, Quando o Laço Vira Nó e outros poemas, de Joziane Ferreira da Silva, Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, Meu Corpo Minha Casa, Outros Jeitos de Usar a Boca e O Que o Sol Faz Com as Flores, de Rupi Kaur.

Figura 2 - Oficina Didáticas da Leitura



Fonte: O autor, 2023

Consideramos importante citar nomes de livros, autores e autoras por entendermos que apropriar-se dessas dimensões próprias da leitura é um passo importante na formação de professores leitores. Conhecer um acervo com os nomes dos autores e das obras, ajuda na criação de um repertório cultural necessário para caminhar no universo das práticas de leitura. Na abertura da primeira oficina, realizada em maio de 2022, foi feito um levantamento com os participantes, para sabermos seus repertórios de livros, escritores e escritoras. Os livros mais citados foram: O Pequeno Príncipe, O Diário de Anne Frank e Meu Pé de Laranja Lima.

O encontro dos leitores com os livros merece marcações especiais. Em alguns casos, os leitores chegavam na mesa e rapidamente escolhiam um livro, em outros ficavam observando calmamente para depois escolher. Por causa do tempo, e isso é um desafio, na realização das oficinas, alguns leitores lamentavam não poderem ler mais de uma obra do seu gosto. Por exemplo, fazer a leitura de todos os livros disponíveis de Rupi Kaur. Em um certo momento uma leitora ficou contemplando a mesa, pediu para uma foto dos livros e passou um bom tempo contemplando as obras. Dizia que aquilo sim, eram obras de arte, na sua opinião.

Observando os leitores realizando as leituras, víamos momentos em que estavam abraçados aos livros, abrindo e cheirando as páginas, lendo trechos em voz alta para os colegas, comentando os sentidos construídos a partir da leitura, encontrando-se nas histórias, poemas e palavras. Nas etapas de construção de textos acadêmicos e produtos pedagógicos, mais pausas e reflexões sobre as obras lidas. Alguns participantes, relataram que nunca tinham lido um livro

inteiro, outros que nunca tinham tocado em um livro novo e outros que choraram e sorriram nos atos de leitura.

As experiências e as emoções são plurais, assim como o acervo das oficinas, que foram crescendo também, por indicação de obras que os praticantes passaram a indicar. Da primeira oficina até a sétima edição, alguns sinais de mudança foram identificados. Nos processos de socialização os participantes têm a oportunidade de comentar as obras lidas e como elas os tocaram. Uma aluna que participou da primeira oficina, por exemplo, ao fazer a leitura da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, decidiu escrever seu TCC abordando as possibilidades de se trabalhar a obra em turmas da Educação de Jovens e Adultos, explorando os debates sobre gênero e feminismo negro que a autora aborda.

Os livros que são utilizados nas oficinas são atuais e foram adquiridos para esta finalidade. Muitos chegaram lacrados na sala de aula, para que os estudantes tivessem a experiência de retirar um livro novo da embalagem e sentirem o seu cheiro, sabendo que aquele objeto cultural foi adquirido para eles. O acervo, na sua maioria, atende aos princípios teóricos da leitura discursiva, pois, busca a reflexão crítica sobre questões sociais que atravessam as realidades em que vivemos, como o racismo e o genocídio dos povos indígenas. (ORLANDI, 2020).

Já defendemos neste trabalho que consideramos a sala de aula como uma fronteira pedagógica da qual a leitura faz parte. O encontro do leitor com o livro pode significar o encontro do indivíduo com sua própria cultura, sua história e consigo mesmo. Em outra dimensão, as oficinas buscam aproximar os futuros professores do universo da leitura e suas diversas expressões pedagógicas, pois, a leitura sim, pode ser uma ferramenta didáticas e pedagógica importante na gestão da sala de aula, para além das perspectivas imediatistas, mas não menos importantes, de aquisição do mundo das letras.

As oficinas tratam de teorias e práticas de leitura, primeiro, oportunizando que seus participantes conheçam livros- tateando, cheirando, admirando, lendo, interpretando- e depois construindo propostas de como trabalhar com eles as práticas de leitura na educação básica. Em algumas oficinas o foco é pensar o trabalho com crianças e jovens, em outras, o foco está no trabalho com leitura na Educação de Jovens e Adultos, EJA. Em Marabá, por exemplo, este segmento está dividido em quatro grupos: EJA cidade, EJA campo, EJA prisional adolescente e EJA prisional adulto. Em todos, as dificuldades com leitura e escrita se fazem presentes.

As oficinas Didáticas da Leitura se constituem como uma ação inovadora no âmbito do curso de pedagogia da Unifesspa e seu objetivo é ajudar na formação de professores leitores. Acreditando que a leitura de um livro pode transformar vidas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumimos com Orlandi (2012) e a análise do discurso, que a leitura é uma região pedagógica polissêmica. Nesta região de acontecimentos linguísticos atravessados pela história, a sociologia, a ideologia e a cultura fomos educados para termos medo de ler e de escrever. Este medo se expressa no sentimento de não saber. Vejo nos olhos dos meus alunos o medo quando falamos em escrever um Trabalho de Conclusão de Curso, TCC. Ecos da cultura escolar.

As oficinas Didáticas da Leitura se configuram no contexto em tela, primeiro, como uma ação de transgressão epistemológica ao estabelecido, pois se anuncia a partir de um curso de Pedagogia. Sabemos que quando o assunto é leitura e escrita, para o mundo da ciência que ainda se constitui de forma disciplinar e compartimentada, esse terreno é dos professores de Língua Portuguesa. Os sentidos presentes socialmente dentro e fora da escola, atestam isso. Se o aluno apresenta dificuldades com leitura e escrita, para o bem, ou para o mal, a culpa é do professor ou da professora de português. A experiência aqui trazida discorda disso. A leitura e escrita são responsabilidades de toda a escola. Deveria ser conteúdo de formação de todas as licenciaturas.

A Didáticas da Leitura ofereceu aos estudantes participantes acesso a livros, tempo para leitura e socialização das obras lidas; reflexões conceituais sobre linguagem verbal, não verbal e construção de sentido. Os estudantes se disseram tocados de diversas formas pelas oficinas, no campo pessoal e formativo, destacando que a experiência leitora vivida nas oficinas ressignificou e fortaleceu suas relações com os livros e a prática da leitura dentro e fora da escola, ampliando a visão pedagógica sobre as possibilidades educativas da prática da leitura em suas vidas.

A oficina aqui narrada mostra que é importante que professores em formação tenham acesso a livros. Livros dos mais variados temas, formatos e conteúdo. Se possível, livros novos, que encante os olhos, atraia, sim, atrai pela beleza estética, afinal, o estético também educa. Isso é aquisição didática e pedagógica importante para quem vai formar leitores. Primeiro, os professores precisam ter acesso a esta cultura, para depois, compartilhá-la com seus alunos. Ter acesso a livros é ter acesso à cultura.

Outra questão importante é pensar a teoria da leitura no contexto de formação de professores leitores. História da leitura, sociologia da leitura, leitura pedagógica e estética, leitura discursiva figuram como debates importantes na aquisição de referências para pensar práticas leitoras. Os debates presentes nas obras de Segré (2010), Bajard (2014), Chartier (1997), Soares (2020) e Orlandi (2012; 2020), por exemplo, ajudam nessa caminhada. Temos feito um esforço para pensar o objeto leitura em diálogos com categorias das ciências humanas, entre as quais, fronteira em Martins (2009) e História da leitura em Chartier (1997), por entendermos que as

dinâmicas de constituição de interpretação da leitura e da escrita são atravessadas por múltiplas possibilidades de análises.

A experiência de formação de professores leitores contada neste trabalho evidencia a importância do planejamento contextualizado e com objetivos que atendam às necessidades dos participantes. Os livros utilizados nas oficinas foram pensados para esta ação. O acervo é atual. É novo. A escolha das obras respeita o tempo que os leitores têm para realizar as leituras. Os participantes precisam realizar as leituras no tempo das aulas, se for durante ou se for durante a noite. As atividades acontecem todas durante os horários de aula, no corpo das disciplinas relacionadas ao tema.

As obras citadas neste trabalho, na maioria, ainda estão distantes das escolas, dos professores e dos alunos. Essas marcações precisam ser feitas para que possamos evidenciar os contextos e as possibilidades de realização das ações de leitura nas escolas básicas, em especial, as públicas. Os professores não tem condições materiais de realizar ações de leitura na maioria das escolas brasileiras. As reflexões sobre construção de hábitos e gostos de leitura precisam considerar estas realidades. Leitura é, também, um ato coletivo. É questão de política pública. Os debates sobre o objeto leitura em contexto amazônico pouco tem considerado estas dimensões.

As oficinas didáticas da leitura já saíram dos muros da universidade e através dos seus participantes estão chegando às escolas de Marabá e de Itupiranga. Essas caminhadas pedagógicas são lentas, mas carregadas de significados. Nos debates de teoria da leitura, durante as oficinas, problematizamos as faltas de formação, de livros e de oportunidades de acesso ao mundo das letras, para os estudantes da escola pública. O acesso garantido em lei federal, até agora não chegou por estas bandas. Pensar a leitura pelo viés do discurso, é, também, reivindicar condições físicas e simbólicas, para a realização dessa atividade que é dita tão necessária e importante, e sabemos que é, para a melhoria da educação, mas que é negada pelo estado brasileiro. Mas isso, é outro debate.

REFERÊNCIAS

- BAJARD, Élie. Da escuta de textos à leitura. São Paulo: Cortez, 2014.
- CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1997
- DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

MARTINS, José de Souza. Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2014.

ORLANDI, Eni. Discurso e Leitura. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni. Gestos de Leitura. São Paulo: Unicamp, 2020.

SEGRÉ, Monique. Sociologia da leitura. São Paulo: Ateliê editorial, 2010.

SOARES, Magda. Linguagem e Escola. São Paulo: contexto, 2020.

TEIXEIRA JÚNIOR, Tiese. Leitura na fronteira: a experiência gente que lê na escola básica de Goianésia do Pará. Revista diálogos interdisciplinares. v.1,nº 8,p.113-128, 2020.

Submetido em: 27 de jun de 2025.

Aprovado em: 04 de ago de 2025.

Publicado em: 30 de ago de 2025.